

PEDRO AUGUSTO MOTTA:
A TRAJETÓRIA MILITANTE DE UM LIBERTÁRIO NORTISTA (1906 – 1926)
FRANCISCO VICTOR PEREIRA BRAGA*

INTRODUÇÃO

Este artigo é parte de pesquisas em andamento no Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Ceará (UFC), sob orientação da professora Adelaide Gonçalves. A pesquisa se debruça sobre a trajetória militante de Pedro Augusto Motta, anarquista que atuou no Ceará e em São Paulo nas primeiras décadas do século XX. Sua vida é marcada por uma atuação sócio-política em diversos espaços e iniciativas do movimento dos trabalhadores no Brasil. Teve participação no movimento operário, em escolas de trabalhadores, grupos de estudo e propaganda libertária e em jornais como *A Plebe* (SP – 1917-1951), *Voz do Graphico* (CE – 1920-1922), *O Combate* (CE – 1921), entre outros.

Ao estudar a trajetória militante de Pedro Augusto Motta, abordo de forma articulada o movimento operário e o Anarquismo no início do século XX no Brasil, e mais especificamente às dimensões múltiplas de sua vida militante. Neste caso, a pesquisa trata-se não de uma biografia no sentido clássico, mas um estudo que levará em conta a vida de Pedro Augusto Motta em diálogo com as experiências militantes do período, no âmbito das práticas e sociabilidades anarquistas. Em outras palavras, o foco se dirige à autoconstrução *militante* do personagem.

A pesquisa em curso compreende as décadas iniciais do século XX, quando se verificam em Fortaleza as primeiras iniciativas de divulgação das “novas idéias” ligadas ao positivismo, evolucionismo, progresso da humanidade e da ciência, e à luta dos trabalhadores, com a publicação da revista *A Fortaleza* (CE – 1906-1908)¹. Pedro Augusto Motta participa das lutas sociais alguns anos depois², mas importa esse recuo no tempo (fundação da revista), para melhor entender o ambiente no qual circularam essas “novas idéias”, dentre elas as idéias libertárias, das quais irá se aproximar Pedro

* Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Ceará. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

¹ *A Fortaleza*, Revista Literária, filosófica, científica, comercial. A revista circula de outubro de 1906 a fevereiro de 1908, tendo, ao todo, doze números editados. Publica ensaios, crônicas, sonetos, notas bibliográficas, entre outros. Joaquim Pimenta, um de seus colaboradores, posteriormente veio a se aproximar das idéias libertárias, publicando o jornal *O Demolidor* (1908), de caráter anticlerical.

² Tomo por base as fontes disponíveis até o presente momento.

Motta. A revista *A Fortaleza* teve contribuição de Joaquim Pimenta, personagem que participou, juntamente com Pedro Motta, Moacir Caminha e outros, do ambiente de efervescência das idéias na cidade de Fortaleza das primeiras décadas do século XX. A periodização do estudo está compreendida entre 1906, ano de fundação da revista *A Fortaleza*, até a morte do militante Pedro Augusto Motta, ocorrida no ano de 1926. Os espaços estudados compreendem o Ceará e São Paulo, especialmente Fortaleza e a capital paulista, cidades onde se verifica a atuação do personagem.

Esta pesquisa associa-se a outras com temática aproximada, compondo um grupo de estudos e pesquisas em fase de criação, que pretende abordar e discutir as relações entre história, imprensa e impressos, bem como as práticas de escrita e leitura. No Programa de Pós-Graduação em História Social da UFC, enquadra-se na linha de pesquisa Sociedade, Trabalho e Migrações. Trata-se de um estudo acerca do movimento operário de matriz libertária e se relaciona à experiência social de formação da classe operária, discutindo temas associados aos modos de vida e trabalho, às relações sociais, organização dos trabalhadores, militância, imprensa operária, entre outros que perpassam a categoria trabalho e o tema em questão. Ao mesmo tempo, se faz necessário observar a experiência das migrações, também no escopo da “mobilidade da militância”, visto que o estudo aborda dimensões da vida de um militante do movimento operário marcada pela mobilidade – Pedro Augusto Motta viveu em Fortaleza e, devido às circunstâncias políticas, migrou para São Paulo –, e por tratar de um período da história do Brasil caracterizado pela migração da mão-de-obra e de militantes entre as várias regiões do país, como demonstra Silvia Petersen (PETERSEN, 1997).

O Anarquismo e o movimento operário no Brasil são temas bastante estudados, haja vista as pesquisas desenvolvidas nas décadas de 1980 e 1990 sobre o assunto.³ Contudo, o campo é vasto e frutífero às novas investigações de história social, dada a riqueza da experiência libertária no Brasil e no mundo, especialmente para os estudos biográficos e as trajetórias de atuação militante, um campo promissor⁴, no qual

³ Para ver um quadro das pesquisas desenvolvidas sobre o assunto na década de 1980, conferir BRUNO, Allyson. *Historiografia da Atuação Libertária: a produção dos anos 1980*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Ceará (UFC), Brasil, 2002.

⁴ Segundo o historiador Cláudio Batalha, as biografias são uma nova tendência para os estudos acerca da classe operária no Brasil, diante dos novos problemas colocados para análise pelos pesquisadores, após a produção e desenvolvimento da historiografia da classe operária no Brasil nas décadas de 1970 e 80. BATALHA, Cláudio H. de Moraes. *A historiografia da classe operária no Brasil: Trajetória e tendências*. In: FREITAS (de), Marcos Cezar (Org.) *Historiografia brasileira em perspectiva*. 2ª ed.

podemos realizar reflexões sobre as formas de intervenção dos sujeitos no espaço e no tempo, levando em consideração o contexto em que viveram e a tensão entre suas ações e o meio no qual agiram. Observando algumas novas tendências dos estudos biográficos, Benito Bisso Schmidt (SCHMIDT, 1998:233-244) propõe

(...) encarar uma biografia como uma 'via de acesso' para a compreensão de questões mais gerais da história operária, a tentativa de recuperar a tensão entre o individual e o social, a preocupação em resgatar facetas diversas das personagens biografadas.

Entender como esse militante e outros vivenciaram e experimentaram as circunstâncias de seu tempo é importante, inclusive, para pensarmos os rumos que tomam hoje as organizações dos trabalhadores, as estratégias escolhidas, o tipo de sindicalismo hegemônico no Brasil nos dias atuais, sindicalismo este que, por sinal, se apresenta bastante diferente do sindicalismo praticado no início do século XX, o chamado sindicalismo revolucionário.

A relevância deste estudo justifica-se, entre outras, em face da reduzida quantidade de pesquisas acerca do movimento operário de matriz anarquista no Ceará e no Nordeste do Brasil. A maioria dos estudos versa sobre a experiência do Anarquismo e o movimento dos trabalhadores no Sul e Sudeste do país, sendo que em alguns casos trata-se Rio de Janeiro e São Paulo como se fossem o Brasil inteiro, numa visão generalizante, desconsiderando a existência e as particularidades do movimento dos trabalhadores em seus contextos específicos.⁵

Além disso, esta pesquisa, busca agregar elementos de balanço historiográfico para o período entre os anos 1990 e 2010 sobre a atuação libertária no Brasil. Propõe-se, ainda, a contribuir com reflexão historiográfica sobre o movimento operário em escala regional, e, em articulação com outras pesquisas, no sentido de uma história do

São Paulo: Contexto, 1998.

⁵ Nos últimos anos esse panorama tem mudado, como demonstra a historiadora Sílvia Petersen em PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. *Levantamento da produção bibliográfica e de outros resultados de investigação sobre a história operária e o trabalho urbano fora do eixo Rio-São Paulo*. Cadernos AEL: Trabalhadores, leis e direitos. Campinas: UNICAMP/IFCH/AEL, vol.14, n.26, 2009. Com o surgimento de novos cursos de pós-graduação e o desenvolvimento de pesquisas em universidades de outras regiões do país (além do eixo Rio-São Paulo), a história da classe operária e do movimento operário tem ganhado qualitativamente, oferecendo a possibilidade de se elevar o patamar analítico da história operária brasileira, a partir da articulação dos resultados das pesquisas regionais. Sobre essa idéia ver PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. *Cruzando fronteiras: as pesquisas regionais e a história operária brasileira*. In: ARAÚJO, Ângela M. C. (Org.) *Trabalho, Cultura e Cidadania: Um balanço da história social brasileira*. São Paulo: Scritta, 1997.

movimento operário para além do eixo Rio-São Paulo, como sugere a pesquisadora Silvia Petersen. (PETERSEN, 1997: 85)

Com este trabalho, estudando a vida de Pedro Augusto Motta, o movimento operário, a imprensa e as idéias libertárias no Ceará, a problematização situa-se em torno das seguintes questões: como Pedro Augusto Motta chega às idéias do sindicalismo revolucionário e às idéias anarquistas? Por quais vias ele chegou até essas idéias? Quais foram os instrumentos, estratégias e espaços utilizados para construir sua militância e consolidar sua atuação no movimento operário no Ceará e em São Paulo nas primeiras décadas do século XX? Que tipo de socialismo e de sindicalismo era defendido por Pedro Augusto Motta? Do ponto de vista teórico, quais as idéias centrais do personagem e quais suas fontes doutrinárias? Que leituras referenciam seus escritos e aguçam sua imaginação? Quais as características da imprensa de matriz libertária na qual Pedro Augusto Motta participou? Como se operou a repressão aos trabalhadores e militantes anarquistas do período? O que significou e quais as características da repressão⁶ que atingiu muitos militantes anarquistas, entre eles Pedro Augusto Motta? À medida que se desenrola o estudo, com a leitura e análise das fontes de pesquisa, vão se desenhando explicações e emergindo respostas para alguns destes questionamentos.

1. A EXPERIÊNCIA DO ANARQUISMO E DO MOVIMENTO OPERÁRIO NO BRASIL: DIÁLOGOS COM A HISTORIOGRAFIA

A historiografia produzida sobre a experiência do anarquismo e do movimento operário no início do século XX no Brasil é bastante rica. Estes temas despertaram o interesse dos historiadores brasileiros, especialmente a partir da década de 1980, quando chegava ao fim o regime militar no Brasil, se estabeleciam os cursos de pós-graduação no país e o movimento operário ganhava visibilidade com as greves e grandes mobilizações, em especial na região do ABC paulista.⁷ Dos estudos realizados neste período, alguns se tornaram clássicos, como o da historiadora Margareth Rago, *Do Cabaré ao Lar: A utopia da cidade disciplinar – Brasil (1890-1930)*, e *Nem pátria nem*

⁶ Existe um estudo de Alexandre Samis sobre a repressão política no Brasil do período, intitulado *Anarquismo, Sindicalismo e repressão política no Brasil*. Esse estudo cita Pedro Augusto Motta como uma das vítimas da repressão política no período. Pretendo perceber como se deu a repressão no período que compreende a pesquisa, bem como o significado e as nuances dessa repressão na conjuntura da vida de Pedro Augusto Motta, relacionando com sua trajetória e suas ações.

⁷ Para ver um balanço dos estudos em história realizados na década de 1980 sobre a atuação libertária no Brasil, consultar: BRUNO, Allyson. *Historiografia da Atuação Libertária: a produção dos anos 1980*. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal do Ceará, UFC, Brasil, 2002.

patrão: a vida operária e a cultura anarquista no Brasil, de Francisco Foot Hardman, entre outros. Estas obras são, de certo modo, referências para o estudo do que poderíamos chamar de “formação da classe operária no Brasil”⁸, especialmente por serem trabalhos que trazem uma abordagem do tema de um ponto de vista global, espécie de estudos de síntese, diferindo de outros publicados posteriormente.

Sobre a difusão do Anarquismo e a experiência do movimento operário de matriz libertária no Norte do Brasil, o caminho da escrita da história se começa a fazer. Temos como referência, para o caso do Ceará, os trabalhos de Adelaide Gonçalves, historiadora que estudou a experiência dos trabalhadores no Ceará. Seus trabalhos ressaltam a importância da imprensa de matriz libertária para o movimento operário no Ceará, no início do século XX, embora reconheça que o anarquismo não teve no Ceará a mesma expressão que se verifica no sul e sudeste do País.⁹ Contudo, isso também pode significar os novos estudos sobre o tema; até porque, estudamos em história as experiências sociais não pela expressividade numérica, mas pela significância que oferecem para compreender os elos nacionais e internacionais do movimento operário em suas variadas expressões históricas.

1.1. Os estudos desenvolvidos no Brasil sobre a (e a partir da) vida militante

Um ramo de estudos que despertou interesse entre os historiadores e ganhou relevância, desde os anos 1990, são os estudos biográficos e das trajetórias militantes. No tocante aos estudos desenvolvidos no Brasil sobre a (e a partir da) vida de militantes anarquistas, e do movimento operário de forma geral, as pesquisas afirmam as possibilidades e os matizes do campo. Destaca-se aqui a biografia do luso-brasileiro Neno Vasco (tese de doutorado em História, de Alexandre Ribeiro Samis), Florentino de Carvalho (dissertação de Mestrado em Ciências Sociais, de Rogério Nascimento),

⁸ Outras obras que tratam desse período da história do Brasil e do tema em questão, com caráter de síntese, são: PINHEIRO, Paulo Sérgio & HALL, Michael. *A classe operária no Brasil (1889-1930): documentos*, 2 vols. São Paulo: Brasiliense, 1979; MARAM, Sheldon L. *Anarquistas, imigrantes e o Movimento Operário Brasileiro: 1890-1920*. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1979; FAUSTO, Boris. *Trabalho urbano e conflito social*. São Paulo: Difel, 1977; FERREIRA, Maria Nazaré. *A imprensa operária no Brasil – 1880-1920*. Petrópolis: Vozes, 1978; entre outras.

⁹ A tese de doutorado desta pesquisadora e outros trabalhos publicados por ela são a principal referência para se conhecer a história da imprensa dos trabalhadores no Ceará, inclusive a imprensa de matriz libertária, que é também abordada em seu estudo. Ver: GONÇALVES, Adelaide. *A Imprensa dos Trabalhadores no Ceará: 1862-1920*. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Brasil, 2001; GONÇALVES, Adelaide & SILVA, Jorge E (Org.). *A Imprensa Libertária no Ceará (1908 – 1922)*. São Paulo: Imaginário, 2000.

Oreste Ristori (dissertação de Mestrado em História, de Carlo Maurizio Romani), Edgard Leuenroth (tese de Doutorado em História, de Yara Aun Khoury) e Maria Lacerda de Moura (estudo publicado em livro, de Miriam Lifchitz Moreira Leite), entre outros.¹⁰

Ainda acerca de biografias e estudos sobre a trajetória de militantes, temos o trabalho de Edilene Toledo, *Travessias Revolucionárias – Idéias e militantes sindicalistas em São Paulo e na Itália (1890-1945)* (TOLEDO, 2004), que aborda a vida de três militantes sindicalistas, sendo um deles anarquista. Sobre militantes de tendência socialista, temos o estudo de Benito Bisso Schmidt, originalmente sua tese de doutorado, e publicado com o título *Em Busca da Terra da Promissão: a história de dois líderes socialistas* (SCHMIDT, 2004), que trata das biografias de Carlos “Cavaco” e Francisco Xavier da Costa, dois militantes socialistas do Rio Grande do Sul.

Os trabalhos que, de algum modo, abordam a trajetória de Pedro Augusto Motta são do pesquisador Edgar Rodrigues¹¹ e de Adelaide Gonçalves. Na sua tese de doutoramento, que versa sobre a *Imprensa dos Trabalhadores no Ceará*, a autora dedica um capítulo à Imprensa Libertária, apresentando Pedro Motta como um de seus precursores, bem como de outros militantes tributários dessa imprensa de matriz libertária. Além disso, seu trabalho em co-autoria com Jorge E. Silva traz em formato de livro a publicação dos jornais que demarcam a “Imprensa Libertária do Ceará”: o *Regenerador*, *Voz do Graphico* e *O Combate* (GONÇALVES & SILVA, 2000). No mais, até onde pude verificar, não há estudos especificamente sobre o militante que me detenho na pesquisa, ou sobre a influência das idéias libertárias no Ceará. A busca por trabalhos em outros lugares do Brasil, em universidades e núcleos de militantes, demonstrou, até o presente momento, a inexistência de outras pesquisas sobre o tema em questão.

¹⁰ Alguns destes trabalhos estão publicados em livros, entre eles: ROMANI, Carlo. *Oreste Ristori: Uma Aventura Anarquista*. São Paulo: Anablume; Fapesp, 2002; SAMIS, Alexandre Ribeiro. *Minha Pátria é o Mundo Inteiro: Neno Vasco, O Anarquismo e o Sindicalismo Revolucionário em dois mundos*. Letra Livre: Lisboa, 2009; NASCIMENTO, Rogério H. Z. *Florentino de Carvalho: pensamento social de um anarquista*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2000; LEITE, M. L. M. *Outra Face do Feminismo: Maria Lacerda de Moura*. 1ª. ed. São Paulo: Ática, 1984.

¹¹ RODRIGUES, Edgar. *O Anarquismo no Teatro, na Escola e na Poesia*. Rio de Janeiro: Achiamé Editora, 1992. Neste livro, ao trabalhar com a poesia produzida pelos anarquistas, o autor se utiliza de poemas escritos por Pedro Augusto Motta, além dos escritos de outros militantes. Ver também, do mesmo autor: RODRIGUES, Edgar. *Os Companheiros 5*. Florianópolis: Insular, 1998. Neste livro o autor traça uma pequena biografia de Pedro Augusto Motta, bem como de outros militantes.

A metodologia de trabalho deste estudo remete necessariamente ao trabalho com biografias. Por esse motivo é importante destacar os estudos biográficos. Acerca desse ramo de estudos, Benito Bisso Schmidt (SCHMIDT, 2004:20-21) propõe a seguinte perspectiva:

Convém deixar claro, inicialmente, a que tipo de biografia estou me referindo. Afinal, sob esse rótulo, encontram-se trabalhos de diferentes teores, escritos com referências e preocupações variadas e por profissionais de diversas áreas (...). Refiro-me, sim, às biografias que, partindo das experiências de um indivíduo, abordam questões mais gerais relacionadas à época na qual o mesmo viveu. (grifos meus)

Ao explicitar como trabalhou os personagens que biografou em um de seus estudos, o mesmo autor afirma (SCHMIDT, 2004:24):

(...) analisei as “expressões individuais” de Xavier da Costa e de Cavaco na tentativa de compreender melhor o ‘idioma geral’ de sua época e de seu meio social, a “jaula flexível e invisível” onde viveram e atuaram. Tenho claro os riscos do empreendimento – especialmente o de explicar o indivíduo pelo contexto ou, de forma inversa, o de se reduzir o social ao individual – e, por isso, busquei estabelecer, ao longo da narrativa, uma permanente tensão entre os constrangimentos sociais e as liberdades individuais. Não se pode esquecer que, a cada momento de suas vidas, esses homens tinham diante de si um futuro incerto e indeterminado, diante do qual faziam escolhas no âmbito de um “campo de possibilidade historicamente determinadas”. Se hoje esse futuro já é passado, e os resultados das escolhas feitas, conhecido, o biógrafo precisa recuperar o “drama da liberdade” dos personagens – as incertezas, oscilações e incoerências –, mostrando que suas trajetórias não estavam pré-determinadas desde o início.

É essa perspectiva teórica e metodológica que orienta este trabalho, levando em conta que o personagem não estava desde sempre “destinado a ser o que foi”. A idéia é propor uma reflexão sobre a história do personagem em relação ao contexto em que viveu, no intuito de compreender o personagem e a época. Isso não significa que irei considerar o individual em função do contexto ou do geral, mas manter uma visão articulada da história do personagem e do meio social, tentando entender como se entrecruzam a experiência individual e a experiência social.¹²

¹² Para uma reflexão teórica e metodológica, são importantes fontes historiográficas os estudos sobre biografias e as reflexões no campo da micro-história. Destaco as seguintes: ORIEUX, Jean. *A arte do biógrafo*. In: DUBY, Georges et al. *A nova História*. Lisboa: Teorema, 1986; LEVILLAN, Philippe.

2. A TRAJETÓRIA MILITANTE DE PEDRO AUGUSTO MOTTA, UM LIBERTÁRIO NORTISTA

Pedro Augusto Motta, operário gráfico, “jornalista da classe”, poeta, sindicalista revolucionário, militante anarquista. Construiu uma rica trajetória de militância, conquanto efêmera, que se inicia na década de 1910 e finda com sua morte, provavelmente em 1926. Alguns autores divergem sobre a data e local de sua morte; existem pelo menos duas versões sobre o assunto. Numa delas, que emerge das memórias do período, consta que ele morreu logo que chegou ao Oiapoque (após ter sido enviado para o campo de concentração para presos políticos chamado Clevelândia), em decorrência de torturas e maus tratos sofridos no navio-prisão.¹³ Em outra versão, defendida em John W. Foster Dulles (DULES, 1977:214), Pedro Augusto Motta teria fugido do campo de concentração e morrido em Saint Georges, na Guiana Francesa, doente e sem dinheiro para comprar medicamentos ou pagar uma passagem de canoa para Belém. O historiador Alexandre Samis – em seu estudo sobre a Clevelândia, o anarquismo, o sindicalismo e a repressão política no Brasil do período (SAMIS, 2002) – endossa a segunda versão, baseando-se em uma carta escrita por Pedro Augusto Motta, antes da sua morte, na Guiana Francesa.

Militante e principal animador das experiências organizativas da Associação Graphica do Ceará (1920), União Geral dos Trabalhadores (1920) e Federação dos Trabalhadores do Ceará (1921), para citar alguns exemplos, foi um dos mais ativos “jornalistas de classe” do Ceará, como comprova o *Voz do Graphico* (jornal da Associação Graphica do Ceará). Escreveu um livro de poesia social intitulado “Verbo de Fogo”.¹⁴ Destacou-se como organizador do movimento operário no Ceará e em São Paulo. Pedro Augusto Motta, juntamente com o militante Moacir Caminha¹⁵, entre

Os protagonistas da biografia. In: REMOND, René. Para uma historia política. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996; BORDIEU, Pierre. *A ilusão Biográfica.* In: FERREIRA, M.M. e AMADO, J. Usos e abusos da historia oral. Rio de Janeiro, Fundação Getulio Vargas, 1996; BORGES, Vavy Pacheco. *O historiador e seu personagem: reflexões em torno da biografia.* In: Horizontes. Bragança Paulista. V. 19. Jan/dez 2001; LORIGA, Sabina. *A biografia como problema.* Revista Brasileira de História. Anpuh, 1997; GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes. O cotidiano e as idéias de um moleiro.* São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

¹³ Essa versão emerge das memórias do militante Pedro Catalo. Ver: RODRIGUES, Edgar. *Os Companheiros 5.* Florianópolis: Insular, 1998.

¹⁴ Este livro ainda não foi localizado, embora tenhamos evidências de sua publicação. O jornal *A Plebe*, por exemplo, publicou uma nota acusando o recebimento de 120 exemplares do livro como doação de Pedro Augusto Motta. Conferir: **A Plebe**, nº 208, 01/05/1923.

¹⁵ Moacir Caminha foi um militante também de destacada atuação no Ceará e no Rio de Janeiro, embora

outros, compartilham o pioneirismo na difusão das idéias anarquistas no Ceará. Devido a sua firme atuação militante, Pedro Motta sofreu perseguições por parte de patrões e da imprensa burguesa cearense. Acabou tendo que migrar para São Paulo, para sua própria sobrevivência, onde continuou sua militância participando do Centro Libertário Terra Livre e como um dos editores e, posteriormente, redator d'A *Plebe*, um dos mais significativos jornais anarquistas do período.

Trabalhadores – um gráfico, o outro professor – Pedro Motta e Moacir Caminha militaram em diversos espaços, ambos foram jornalistas e, no caso de Pedro Motta, poeta; atuaram no Ceará e migraram para outras regiões do Brasil, sendo acolhidos pelo movimento libertário de outros lugares de forma respeitosa, como companheiros de luta, propagandistas e intelectuais do movimento, como se pode perceber pelos elogios feitos por militantes contemporâneos tanto sobre Motta como sobre Caminha.¹⁶

Desde sua militância pioneira no Ceará¹⁷, Pedro Augusto Motta tem uma trajetória marcada pela “mobilidade da militância”. A pesquisadora Silvia Pertersen, ao discutir os estudos sobre o movimento operário no Brasil nas primeiras décadas do século XX, chama atenção para a *mobilidade da mão-de-obra* e a *mobilidade dos*

sua trajetória se diferencie em muitos aspectos da atuação de Pedro Motta. Sua vida foi mais extensa no tempo, tendo iniciado sua militância nos anos 1900 e continuado ativamente até a década de 1960. Na década de 1900 já circulavam por Fortaleza as idéias anárquicas, graças à atuação de Caminha. Jornalista e professor, fundou o primeiro jornal que divulga abertamente o ideário libertário no Ceará, intitulado *O Regenerador* (1908), que teve vida curta, mas nem por isso menos importante. Criou e participou de diversas iniciativas libertárias no Ceará e no Rio de Janeiro, dentre as quais fundou o Clube Socialista Maximo Gorki, participou do Grupo Libertário Amigos d'A *Plebe*, entre outros. Na década de 1930, se muda para o Rio de Janeiro, onde continua a desenvolver suas atividades de difusão das idéias libertárias e da crítica à ordem capitalista, mesmo durante a ditadura do Estado Novo, editando o semanário *Remodelações* (1945), juntamente com sua companheira, a advogada Maria Iêda de Moraes, e sendo professor no Centro de Estudos Professor José Oiticica, ministrando conferências, palestras, cursos etc. Sobre Moacir Caminha, ver: RODRIGUES, Edgar. *A Nova Aurora Libertária 1945-1948*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Povo Trabalhador, 1945; GONÇALVES, Adelaide & SILVA, Jorge E (Org.). *A Imprensa Libertária no Ceará (1908 – 1922)*. São Paulo: Imaginário, 2000.

¹⁶ Sobre Pedro Augusto Motta encontra-se um depoimento elogioso do militante Edgar Leuenroth em LEUENROTH, Edgar. *Anarquismo, Roteiro de Libertação Social*. Rio de Janeiro: Mundo Livre, 1963. Sobre Moacir Caminha, o pesquisador Edgar Rodrigues afirma que o conheceu pessoalmente: “o pequeno-grande cearense de quem guardo as melhores impressões”; relatando isso em conversas com a pesquisadora Adelaide Gonçalves e no prefácio do livro GONÇALVES, Adelaide & SILVA, Jorge E. (Org.). *A Imprensa Libertária no Ceará (1908 – 1922)*. São Paulo: Imaginário, 2000.

¹⁷ No período, os estados ao norte do Brasil eram designados, de forma genérica, como o “norte”, mais ou menos a região que atualmente chamamos de Nordeste; aqueles que eram originários ou migravam dessa região para o sul, notadamente para o Rio de Janeiro e São Paulo, eram chamados de *nortistas*, como percebemos através de relatos de memorialistas do período. Ver memórias de Pedro Catallo, um militante contemporâneo de Pedro Augusto Motta, em: RODRIGUES, Edgar. *Os Companheiros 5*. Florianópolis: Insular, 1998.

militantes entre os centros urbanos do país, demonstrando ser esta uma característica marcante dos militantes e dos trabalhadores de modo geral (PETERSEN, 1997: 93-98). Segundo a autora, nesse período muitos trabalhadores, por variados motivos, acabavam tendo que migrar de seu lugar de origem para outro, por necessidade de trabalho, perseguições políticas, incentivos dos governos, entre outras razões. A migração se dava, em grande parte, de um centro urbano para outro, em geral entre cidades em vias de industrialização e com um proletariado em formação, como São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre.¹⁸

Ao pesquisar a dimensão militante da experiência de Pedro Augusto Motta, em sua articulação com o movimento operário de matriz libertária no Ceará e no Brasil, trabalho com uma noção de sujeito social que atua em limites sociais de espaço e tempo. Como sugere E. P. Thompson (THOMPSON, 1981:182), os homens e mulheres devem ser compreendidos como sujeitos, embora

(...) não como sujeitos autônomos, 'indivíduos livres', mas como pessoas que experimentam suas situações e relações produtivas determinadas como necessidades e interesses e como antagonismos, e em seguida 'tratam' essa experiência em sua consciência e sua cultura (...) e (...) agem, por sua vez, sobre sua situação determinada.

Como sublinha E. P. Thompson, embora existam determinações “estruturais” e *condicionamentos*, a história é construída também a partir da *ação humana*. Pedro Augusto Motta foi um desses sujeitos que, a par de determinados condicionamentos, construiu uma trajetória militante, experimentando “determinadas situações e relações produtivas”. Fez história à sua maneira, juntamente com outros homens e mulheres, inserido em um processo maior, de formação da classe operária no Brasil; entendendo *classe* aqui como um *fenômeno histórico*, que não está determinado *a priori*, fenômeno

¹⁸ Ao se observar o movimento sindicalista e anarquista do mesmo período, verificam-se intensa migração de militantes também internacionalmente, antes mesmo da virada do século. Muitos estudos ressaltam essa característica dos militantes do período, em especial dos militantes anarquistas, que guarda relações com a proposta internacionalista do movimento libertário e do sindicalismo revolucionário e com as perseguições que esses militantes sofriam nos seus países de origem, acabando por serem deportados e se exilarem em outros países. Para citar alguns dos militantes mais conhecidos, que tem sua vida marcada pela migração internacional: Errico Malatesta, Mikhail Bakunin, Oreste Ristori, Neno Vasco, Gigi Damiani, Florentino de Carvalho, entre outros. Um dos autores que defende essa idéia é PARIS, Robert. *Biografias e “perfil” do movimento operário na América Latina: algumas reflexões em torno de um dicionário*. Biografia, biografias. *Dossier* Biografia. Revista Brasileira de História. São Paulo, vol. 17, n°. 33, 1997, p.09-31.

no qual a “classe está presente ao seu próprio fazer-se” (THOMPSON, 1987:10). Ao discutir a noção de “classe”, Thompson (THOMPSON, 1987:09) enfatiza que

A classe precisa estar sempre encarnada em pessoas e contextos reais (...). Não podemos ter amor sem amantes, nem submissão sem senhores rurais e camponeses. A classe acontece quando alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas), sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si, e contra outros homens cujos interesses diferem (e geralmente se opõem) dos seus.

Pedro Augusto Motta é uma dessas pessoas que encarna dimensões da “cultura de classe”. E a realidade cambiante do mundo e do movimento operário em que atou, encarnam o “contexto real” em que se construiu a experiência social comum a homens e mulheres trabalhadoras nas primeiras décadas do século XX no Brasil.

A abordagem da trajetória militante de Pedro Augusto Motta não se propõe a tratar os personagens como “grandes homens” ou indivíduos “à frente de seu tempo”, ou como “heróis do movimento operário”, mas como sujeitos, que viveram em determinado espaço e tempo, plenos de contradições, visões de mundo e características que lhes colocam como homens, certamente destacados de alguns anônimos, mas ainda assim homens. Como sugere Adelaide Gonçalves (GONÇALVES, 2001:205)

Não se trata de (...) enveredar pelo caminho já observado em estudos sobre mitos e heróis, de tipificar destacados militantes do movimento operário como heróis ou “lideranças carismáticas”, porque atuantes em um meio sócio-histórico, em que se expressavam como “minorias militantes”.

2.1. Militância libertária, imprensa e poesia social

A pesquisa concentra-se na atuação de Pedro Augusto Motta no Ceará, suas primeiras iniciativas, os jornais nos quais escreveu, os grupos dos quais participou e as idéias que difundiu, bem como sua intervenção em São Paulo, quando teve de migrar e continuou desenvolvendo sua militância na redação de *A Plebe*; além disso, têm foco a repressão sofrida pelo militante, sua prisão e isolamento na Clevelândia, que fazem parte de um processo de silenciamento e repressão ao movimento operário do período.

As fontes compulsadas neste trabalho emanam da cultura operária por impresso: periódicos (jornais e revistas), livros, opúsculos, panfletos, cartas, brochuras, manifestos e poemas. Os principais documentos são os jornais *Voz do Graphico* (Fortaleza/CE – 1920-1922), *O Combate* (Fortaleza/CE – 1921) e *A Plebe* (São Paulo/SP – 1917-1951), periódicos nos quais Pedro Augusto Motta escreveu e participou ativamente, escrevendo

textos políticos, artigos, cartas e publicando poemas de sua autoria e com temática social. Os demais periódicos identificados são os jornais *O Regenerador* (Fortaleza/CE – 1908), *O Demolidor* (Fortaleza/CE – 1908), *Ceará Socialista* (Fortaleza/CE – 1919), *O Trabalhador Graphico* (Fortaleza/CE – 1930), *A Voz do Trabalhador* (Rio de Janeiro/RJ – 1908-1915), *A Lanterna* (São Paulo/SP – 1909-1916), *A Terra Livre* (São Paulo/SP – 1905-1910) e as revistas *A Fortaleza* (Fortaleza/CE – 1906-1908) e *A Vida* (São Paulo/SP – 1914-1915). Pedro Augusto Motta não participou diretamente destes periódicos, nem aparece como autor de textos, mas é citado em alguns momentos, ou até mesmo homenageado, como em um texto publicado no ano de 1930, no jornal *O Trabalhador Graphico*.¹⁹ Além disso, são importantes para perceber o universo no qual estava inserido o militante em questão e refletir sobre a imprensa operária.

Outras fontes estão sendo levantadas no transcurso da pesquisa, tais como jornais, panfletos, cartas e livros que guardem relação com a trajetória de Pedro Augusto Motta ou com os temas da pesquisa. Relatos de memorialistas e crônica do período importam à pesquisa, pois seu ambiente social é a cidade de Fortaleza no início do século XX e seu conteúdo destaca a efervescência das “novas idéias”, inclusive as idéias libertárias. É o caso de *Liceu do Ceará: Memórias*, de Gustavo Barroso; *Fortaleza Descalça*, de Otacílio de Azevedo; *O Liceu e o Bonde na paisagem sentimental da Fortaleza Província*, de Blanchard Girão; *Fortaleza e a Cronica Histórica*, de Raimundo Girão; e *Retalhos do Passado*, de Joaquim Pimenta.

De destaque é o trabalho metodológico com a imprensa periódica e a literatura social, posto que o personagem central deste trabalho dedicou-se a poesia, sendo esta uma de suas atividades e estratégias de difusão das idéias de organização e emancipação dos trabalhadores.

No estudo da imprensa, acolho reflexões dos estudos de Maria Helena Capelato, articulando os campos da *Imprensa e história* (CAPELATO, 1997) e a abordagem de Tânia Regina de Luca em *História dos, nos e por meio dos periódicos* (LUCA, 2005), bem como Sílvia Araújo, tratando da pesquisa em jornais operários (ARAÚJO, 1997). Ainda sobre a imprensa e a “palavra operária”, o estudo de Ângela de Castro Gomes, *A invenção do trabalhismo* (GOMES, 1988).

¹⁹ *O Trabalhador Graphico*, nº 3, 01/05/1930, p.14.

A partir do diálogo com estas pesquisas e com as reflexões recentes sobre a imprensa como objeto de estudo, fonte e memória, é preciso entender a imprensa e os jornais como documentos que carregam projetos de mundo e interesses de determinados grupos. Fala-se a partir de determinados lugares sociais, o que impede de tratarmos essas fontes, e qualquer outra, como sendo registros *objetivos e independentes*. Na direção que sugerem Maria Helena Capelato e Maria Lígia Prado (PRADO & CAPELATO, 1980), é preciso tratar a imprensa como

(...) instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social; nega-se, pois (...) aquelas perspectivas que a tomam como mero “veículo de informações”, transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos, nível isolado da realidade político-social na qual se insere.

As fontes em análise até o momento são os jornais *O Regenerador*, *Voz do Graphico*, *O Combate* e *A Plebe*. Na leitura destes periódicos é possível listar alguns assuntos recorrentes, observando frequência, espaço de difusão e formas de enunciação. A partir do contato com estas fontes, percebe-se a atuação de Pedro Augusto Motta, bem como de outros militantes, no campo da imprensa. Numa leitura tópica d' *O Regenerador*, do *Voz do Graphico* e d' *O Combate*, saltam aos olhos as temáticas recorrentes, a maneira de tratar os assuntos e indícios das influências ideológicas adotadas como base da crítica social e da proposta de organização e atuação militantes.

O Regenerador teve apenas um número e seu redator foi Moacir Caminha. Nesse único número é possível perceber vários detalhes. No editorial de apresentação do jornal uma crítica à sociedade capitalista e às mazelas sociais, bem como um chamamento à organização dos operários frente às injustiças do mundo capitalista. É dada grande ênfase à revolução social. A síntese de proposta contida no editorial é o dístico “Regenerar Combatendo”, que faz menção ao nome do próprio Jornal. O jornal contém um texto do teórico anarquista Piotr Kropotkin, intitulado *À Gente Nova* e ainda um texto de Máximo Gorki, com título *Na Prisão*, o que demonstra as idéias que se pretende difundir, sua inspiração num teórico anarquista russo e num romancista que aborda a questão social em suas obras. Os temas tratados nos artigos dão conta em sua maioria de um conteúdo doutrinário, falando de forma mais geral da situação dos trabalhadores frente ao capitalismo e a exploração que sofrem, tratando ainda da

situação do movimento operário no Ceará, enfatizando a importância da organização e da luta para mudar o quadro da exploração que aflige o proletariado.²⁰

No jornal *Voz do Graphico* (CE), porta-voz da Associação Graphica do Ceará, trata-se mais recorrentemente da situação do operariado no Ceará. As temáticas recobrem as dificuldades de organização na luta contra a exploração; condições de trabalho; carestia, denúncias de preços abusivos do aluguel e de gêneros de primeira necessidade; perseguições aos trabalhadores que lutam; trabalho infantil e das mulheres, entre outros temas. Há anúncios do surgimento de novos jornais, sindicatos de resistência, associações, realização de conferências e demais atividades militantes. Pedro Augusto Motta participou ativamente do grupo organizador deste jornal, sendo um de seus principais articulistas, inclusive utilizando-se de pseudônimos.

Da mesma lavra é *O Combate* (CE), porta-voz da Federação dos Trabalhadores do Ceará. De feição semelhante, recolhe matéria semelhante no mundo do trabalho, com acento na organização dos trabalhadores para além da luta corporativa, em perspectiva mais ampla do movimento operário.

Outro jornal é *A Plebe* (SP), jornal anarquista publicado em São Paulo de 1917 até 1951, com interrupções, devido às vagas de repressão, aos sucessivos empastelamentos, às prisões de militantes responsáveis pelo jornal, entre outras dificuldades. *A Plebe* circulou por todo o Brasil, com vários grupos de militantes e associações operárias recebendo periodicamente sua publicação, inclusive no Ceará.

A Plebe foi editada em São Paulo, geralmente com quatro páginas, que, às vezes, por problemas financeiros ou relativos à ofensiva do Estado, se reduzem a duas. A tiragem oscilou entre 9 e 10 mil exemplares. O jornal tinha seis colunas e havia uma divisão mais ou menos perene no que diz respeito à organização dos textos: primeira e segunda páginas, textos sobre conjuntura e pensamento anarquista; terceira página, dedicada ao movimento operário [...]; na quarta página, ou os mesmos temas da primeira e segunda páginas, ou notícias relativas à organização do jornal – questão financeira, locais de distribuição por todo o país, grupos de amigos d'A Plebe –, resenhas de livros recebidos ou que estão prestes a ser lançados, divulgação de outros jornais anarquistas, mundo afora, e o quadro da

²⁰ Uma reprodução do jornal, em edição fac-similar, pode ser encontrada em: GONÇALVES, Adelaide & SILVA, Jorge E (Org.). *A Imprensa Libertária no Ceará...* Op. Cit., p. 68-82.

*Biblioteca A Inovadora, com indicações de livros sobre anarquismo e temas afins, em português, espanhol e italiano.*²¹

Pedro Augusto Motta participou também do grupo editor deste jornal, colaborando ativamente em suas páginas. Ainda antes de partir para São Paulo, enviou artigos, cartas e poemas, com temas variados, entre os quais abordando a situação do movimento operário no Ceará. No ano de 1923, pouco tempo após sua chegada em São Paulo, torna-se “redactor principal” d’*A Plebe*, tendo sido indicado por alguns companheiros anarquistas, permanecendo nesta tarefa militante até o ano de 1924. Por ocasião da Revolta Paulista de 1924 e a repressão que se segue no mesmo ano, Pedro Motta é preso e deportado para a Clevelândia. N’*A Plebe*, escreve diversos artigos sobre assuntos variados e publica vários poemas. Entre os temas de seus escritos, discute a organização dos trabalhadores no Ceará, o sindicalismo no Brasil²², a Lei de Imprensa²³, debate sobre *A Emancipação da mulher*²⁴ (este último escrito à época, mas publicado postumamente), entre outros. Seus poemas tratam da revolução social, da luta dos trabalhadores, da união entre os operários, exaltam o Primeiro de Maio como dia de luto e luta, fazem homenagem a Ferrer y Guardia.²⁵

Estes jornais são o material utilizado até o presente momento, sendo necessário ampliar para outras fontes já identificadas, inclusive, atentando aos indícios de contatos com jornais e grupos de outras regiões do Brasil, por parte do grupo editor do *Voz do Graphico* e d’*O Combate*, o que demonstra que o estudo não se restringe ao Ceará, pois certamente o intercâmbio de idéias e produção militante e desses grupos de afinidade libertária, ultrapassam as fronteiras político-administrativas do que se convencionou chamar de Ceará.

²¹ MACIEL, Camila Queiroz. *“Mulher libertária é a mulher libertada”*: um projeto de emancipação feminina anarquista no jornal *A Plebe* (1917-1927). Monografia de Graduação. Universidade Federal do Ceará (UFC), Instituto de Cultura e Arte, Curso de Comunicação Social, Brasil, 2010.

²² *A Plebe*, nº 213, 07/07/1923, p.2.

²³ *A Plebe*, nº 221, 27/10/1923, p.1.

²⁴ *A Plebe*, nº 54, 1927, p.1.

²⁵ Militante anarquista e educador espanhol. Desenvolveu iniciativas ligadas à educação libertária. As “escolas modernas” ou “racionais”, desenvolvidas a partir do modelo educacional proposto por Francisco Ferrer y Guardia, baseavam-se numa “educação integral”, totalmente desvinculada da tradição católica e do estado. Ferrer foi fuzilado em 13 de outubro de 1909, acusado de envolvimento com o movimento revolucionário de Barcelona conhecido como “Semana Trágica”, mesmo sem qualquer prova contra ele, sob acusação de ser um elemento perigoso à sociedade.²⁵

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Sílvia M. P. de. *Quando ler jornais é mais que informação – exercício de pesquisa: a constituição do objeto nas páginas sindicais*. Curitiba: PET/Curso de Ciências Sociais/UFPR, 1997.

BATALHA, Cláudio H. de Moraes. *A historiografia da classe operária no Brasil: Trajetória e tendências*. In: FREITAS (de), Marcos Cezar (Org.) *Historiografia brasileira em perspectiva*. 2ed. São Paulo: Contexto, 1998.

BRUNO, Allyson. *Historiografia da Atuação Libertária: a produção dos anos 1980*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Ceará (UFC), Brasil, 2002.

CAPELATO, Maria Helena R. *Imprensa e história*. São Paulo: Contexto, 1997.

DULES, John W. F. *Anarquistas e comunistas no Brasil, 1900-1935*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

FOOT HARDMAN, F. *Nem pátria nem patrão: a vida operária e a cultura anarquista no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

GOMES, Ângela de Castro. *A invenção do trabalhismo*. São Paulo: Vértice, 1988.

GONÇALVES, Adelaide & BRUNO, Allyson (Org.). *O Trabalhador Gráfico*. Edição fac-similar. Fortaleza: Editora UFC, Sindjorce, Funcet, 2002.

GONÇALVES, Adelaide & SILVA, Jorge E. (Org.). *A Imprensa Libertária no Ceará (1908 – 1922)*. São Paulo: Imaginário, 2000.

_____. *A Bibliografia Libertária: O Anarquismo em Língua Portuguesa*. São Paulo: Imaginário, 2001.

GONÇALVES, Adelaide. *A Imprensa dos Trabalhadores no Ceará: 1862-1920*. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Brasil, 2001.

KHOURY, Yara Aun. *Edgard Leuenroth, uma voz libertária: imprensa, memória e militância anarco-sindicalista*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo (USP), Brasil, 1989.

LEITE, M. L. M. *Outra Face do Feminismo: Maria Lacerda de Moura*. São Paulo: Ática, 1984.

LEONARDI, Victor & FOOT HARDMAN, F. *História da indústria e do trabalho no Brasil (das origens aos anos 20)*. São Paulo: Ática, 1981.

LUCA, Tânia Regina de. *História dos, nos e por meio dos periódicos*. In: Fontes históricas. Carla Bassanezi Pinsky (Org.) São Paulo: Contexto, 2005.

NASCIMENTO, Rogério H. Z. *Florentino de Carvalho: pensamento social de um anarquista*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2000.

PARIS, Robert. *Biografias e “perfil” do movimento operário na América Latina: algumas reflexões em torno de um dicionário*. Biografia, biografias. Dossier Biografia. Revista Brasileira de História. São Paulo, vol. 17, n.º. 33, 1997, p.09-31.

PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. *Cruzando fronteiras: as pesquisas regionais e a história operária brasileira*. In: ARAÚJO, Ângela M. C. (Org.) *Trabalho, Cultura e Cidadania: Um balanço da história social brasileira*. São Paulo: Scritta, 1997.

_____. *Levantamento da produção bibliográfica e de outros resultados de investigação sobre a história operária e o trabalho urbano fora do eixo Rio-São Paulo*. Cadernos AEL: Trabalhadores, leis e direitos. Campinas: UNICAMP/IFCH/AEL, vol.14, n.26, 2009.

- PINHEIRO, Paulo Sérgio & HALL, Michael. *A classe operária no Brasil (1889-1930): documentos*, 2 vols. São Paulo: Brasiliense, 1979.
- PRADO, Maria Lígia & CAPELATO, Maria Helena R. *O Bravo Matutino. Imprensa e ideologia no jornal O Estado de São Paulo*. São Paulo: Alfa-Omega, 1980.
- RAGO, Margareth. *Do Cabaré ao Lar: Utopia da Cidade Disciplinar. 1890 – 1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- RODRIGUES, Edgar. *O Anarquismo no Teatro, na Escola e na Poesia*. Rio de Janeiro: Achiamé Editora, 1992.
- _____. *Os Companheiros 5*. Florianópolis: Insular, 1998.
- ROMANI, Carlo. *Oreste Ristori: Uma Aventura Anarquista*. São Paulo: Anablume; Fapesp, 2002.
- SAMIS, Alexandre. *Clevelândia: Anarquismo, Sindicalismo e repressão política no Brasil*. São Paulo: Imaginário, 2002.
- _____. *“Minha Pátria é o Mundo Inteiro”: Neno Vasco, O Anarquismo e o Sindicalismo Revolucionário em dois mundos*. Letra Livre: Lisboa, 2009.
- SCHMIDT, B. B. *Trajatórias e vivências: as biografias na historiografia do movimento operário brasileiro*. *Cultura e Cidade - Projeto História*, São Paulo, v. 16, p. 233-244, 1998.
- _____. *Em Busca da Terra da Promissão: a história de dois líderes socialistas*. Porto Alegre: Palmarinca, 2004.
- THOMPSON, E. P. *A miséria da teoria ou um planetário de erros*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- _____. *A Formação da Classe Operária Inglesa*. (3 vols.). São Paulo: Paz e Terra, 1987.
- TOLEDO, Edilene. *Travessias revolucionárias: idéias e militantes sindicalistas em São Paulo e na Itália (1890-1945)*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.